

ENTREVISTA

Roberto Benjamin

por José Fernando de Sousa e
Oswaldo Meira Trigueiro



Roberto Benjamin

Por José Fernando de Sousa e

Oswaldo Meira Trigueiro



*Arreiamar, brincante do Maracatu Cambindinha, de Arassoiaba-PE. A figurante é Roseli Bezerra, identificada por Roberto Benjamin como a primeira mulher a ser aceita no folguedo envergando o traje, quebrando uma tradição de exclusiva presença masculina.
(Foto: José Fernando de Sousa - 2012)*

Uma leitura ao texto que Roberto Benjamin refere, na entrevista aqui publicada, permite visualizar o homem quase inteiro da pessoa entrevistada. Diz que ele é do Recife, nascido em 1943; que tem formação em Jornalismo e em Direito; para a nossa área de estudos, fez especialização no Ciespal; para o cumprimento da carreira universitária obteve uma livre-docência em Ciência Política, na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Mas, o que salta aos olhos – principalmente os olhos de pessoas da condição de seus amigos, seus alunos, seus colaboradores, seus colegas – é o conjunto e a profundidade dos saberes, a maneira como ele os articula.

Seus interesses intelectuais – já sob a influência de Luiz Beltrão – passaram pelos estudos da oralidade convertida à escrita, caso da literatura de cordel e das cantorias e prosseguiram com as danças, os folguedos –

especialmente os carnavalescos, os juninos e os natalinos – afora a religiosidade popular (o ex-voto, os ferros das africanidades, a imaginária), os usos e costumes, as técnicas, as faturas do artesanato.

Também foram desses interesses que decorreram: uma grande hemeroteca, as principais seções da sua biblioteca pessoal, as coleções (de folhetos, almanaques, piedosas recordações), os conjuntos de peças dos ex-votos, da imaginária do catolicismo popular (aí incluídos as orações de benzedeiras, benditos, excelências e cantos de ritos funerários, romarias, santos não-canônicos, reisados e pastoris (tanto na condição de folguedos, quanto

na de fatos culturais oriundos da catequese), afora o conhecimento do conjunto em que consistem os cerimoniais dos cultos religiosos de matrizes africanas.

Familiarizado com a pesquisa, já como professor de graduação – inicialmente na Universidade Católica de Pernambuco – assim como na pós-graduação – na Universidade Federal Rural de Pernambuco – as suas aulas viviam na perspectiva da pesquisa, ou seja, da valorização do conhecimento acadêmico obtido com a realidade de fora da sala de aula. Era o momento não só de tomar conhecimento dos fatos da cultura popular, mas, e principalmente, de observar o curso da dinâmica a que eram submetidos e de estabelecer a permanente reflexão sobre o dualismo das circunstâncias das suas vida e morte.

Foi assim em relação aos congos, aos pontões e às cambindas; ao cavalo-marinho, mamulengo, fandango, pastoril profano, ao aboio, samba de matuto, aos improvisos e desafios (da cantoria de viola, da embolada, da sambada dos poetas dos maracatus rurais); também em relação aos cantos de trabalho e contos populares; às danças, como a ciranda, ao coco, ao samba de velho; à expressiva culinária do Nordeste brasileiro distribuída segundo os ciclos folclóricos; às práticas de uma medicina popular, dita folclórica. Também foi assim que estimulou as observações dos tipos humanos; dos diversos artesanatos (de indumentárias como as dos vaqueiros e as dos trajas e das fantasias do carnaval, dos bordados e das rendas.

Ainda fez com que os seus alunos lidassem com muitos outros aspectos da cultura popular, tais como as jangadas, a cerâmica utilitária e figurativa, o emprego da madeira e dos metais, a fatura de armas dos bacamarteiros, os brinquedos infantis; e, no carnaval, das manifestações suburbanas das grandes cidades e de todo o interior de Pernambuco. Produziu e incentivou a captação de uma infinidade de registros fotográficos e de uma razoável quantidade de registros sonoros e de imagens em movimento.

Uma curiosidade: ele pôde ser encontrado nas tardes dos domingos de carnaval dos últimos trinta anos – sozinho ou acompanhado de alunos, colegas professores e estudiosos brasileiros e estrangeiros – apreciando o cerimonial da “trincheira” do Maracatu Rural Cambindinha, na cidade de Arassoiaba, em Pernambuco. Dizia que sempre retornava para devolver o que havia levado da comunidade: as cópias dos conteúdos das fotos, fitas cassete e VHS, CDs e DVDs que fizera no ano anterior.

Para Roberto Benjamin, este é um universo de bens materiais e imateriais a serem preservados como patrimônios das culturas de nossos povos, a fim de que se possa fazê-los e mantê-los cultura viva.

Outro lado da sua vida se relaciona ao campo do Direito: ele foi promotor e procurador de justiça do Ministério Público de Pernambuco. Lá atuou como defensor social, o que quer

dizer defensor das minorias e dos hipossuficientes, da liberdade religiosa (especialmente no respeito às liturgias das religiões afro-brasileiras e afroameríndias), da dignidade das pessoas encarceradas.

Na condição de operador do Direito obteve a experiência necessária para iniciar a luta contra a insuficiência da legislação que atentasse para assegurar a preservação do patrimônio imaterial, regulamentando o estatuído no Art. 216 da Constituição Federal como dever do Estado Brasileiro, em face de apropriações, usos não-autorizados e abusos de variadas naturezas, havendo proposto – na conformidade com as recomendações da Organização das Nações Unidas - a criação e adoção no Brasil de um direito *sui-generis* de propriedade intelectual. Uma atitude de pensamento inovador e renovador porque, já que o direito que defendeu importava na superação dos esquemas clássicos classificatórios do Direito (em público e privado, substantivo e processual e mesmo civil e penal), se situava num domínio que englobava a esfera da cultura no sentido artístico, a esfera científica – os saberes científicos tradicionais. Para a construção desse Direito novo defendeu que se pudesse incorporar nomenclaturas e conceitos desenvolvidos nos estudos mais recentes da Antropologia, do Folclore, da História Oral e da Literatura, mesmo que isso importasse na renúncia das nomenclaturas e conceitos clássicos usuais.

Este é um contexto quase desconhecido e surpreendente do trato intelectual de Roberto Benjamin. Mas, não é estranho que o encontremos envolvido com o mundo das idéias e dos ideais, postulando a proteção do saber do povo, propondo a formulação de instrumentos normativos que levassem em conta elementos raros e inusitados para a estrutura das leis, como a espontaneidade da criação (nos contextos social, cultural e intelectual), o fato de que o acesso e a utilização da proteção se pudessem reger por regras costumeiras, pois se trata da defesa de conhecimentos cujos métodos de transmissão, em particular o oral, próprios das culturas vivas e em evolução, se operam de geração em geração refletindo os valores e as crenças tanto de um grupo ou de uma sociedade, sua importância para a criação de uma identidade, sua contribuição para a diversidade cultural e sua significação espiritual e cultural.

Outro caminho do desempenho intelectual de Roberto Benjamin está voltado para a história social, especificamente para as relações entre os povos africanos e brasileiros, na medida em que considera que “a história e a cultura dos povos africanos são, efetivamente, parte da história do Brasil, tal como a história dos nossos indígenas e as dos colonizadores europeus”. Foi com esse fundamento que escreveu uma série de livros didáticos para o ensino médio denominada **A África está em nós**, onde desfia as heranças dos povos brasileiros

eivadas abundantemente de contribuições africanas. Não se pense que este tenha sido um trabalho de gabinete. No mínimo, reflete dez longos anos de conversa com o saudoso sacerdote Luiz de França dos Santos, um amigo, uma síntese da afrodescendência na história do Recife.

Na obra – que hoje é um conjunto de livros já a envolver a co-autoria de três qualificadas educadoras paraibanas – das melhores do Brasil, Maria Carmelita Lacerda, Josilane Aires e Janete Lins Rodriguez -, uma publicação que já excede um milhão de exemplares – trata da exploração do continente africano levada a efeito por povos da Europa e das suas consequências em todos os sentidos. Execra a vileza da escravidão e da exclusão social negras no Brasil, interrelacionando-as com a grandeza da resistência no passado e no tempo presente, com narrativas não só dos fatos históricos, mas com um conjunto de informações que conduzem aos argumentos em que se fundamentam os movimentos sociais, a obtenção de garantias legais e as políticas afirmativas.

Pois bem, nos valem, quase que integralmente, do texto por ele referido para lhes apresentar este Roberto Benjamin que, em resumo, vem sendo, até hoje, um homem simples como ele sempre quis ser, um professor sem vaidade.

É perceptível que fizemos até aqui uma apresentação ainda incompleta do entrevistado. Faltou discutir ou, pelo menos, introduzir o objeto da entrevista, qual seja estabelecer um caminho que o conduzisse ao relacionamento com o Professor Luiz Beltrão. Na própria entrevista, como veremos, Roberto Benjamin faz isso muito melhor do que os seus entrevistadores.

--- **RIF** Entrevista ---

Na manhã do domingo, 17 de fevereiro deste ano de 2013, Rosinha, minha mulher, e eu [Oswaldo Trigueiro], recebemos Roberto Benjamin e José Fernando Souza na nossa casa da Manaíra, em João Pessoa. Eles passaram por aqui com a intenção de irmos almoçar no restaurante do pequeno hotel Xenius, na praia do Cabo Branco, onde é servida uma elogiada pescada guarnecida de arroz de brócolis e legumes ao molho de maracujá.

Aproveitei a oportunidade para atender a um pedido da Karina, no sentido de entrevistá-lo. Sem pauta mesmo, foi gravada a matéria abaixo que, depois de devidamente transcrita, passou por uma revisão do próprio Benjamin e serviu também para esclarecer

poucas dúvidas – minhas e de José Fernando, que havia me acompanhado como entrevistador – e para corrigir a literariedade do texto.

Roberto Benjamin continua sendo aquilo que ele mesmo havia denominado como “quengo fino”, uma grande companhia para uma boa conversa, sempre recheada da mais fina ironia. Um conversador esperto a ponto de mandar desligar o gravador para a conversa prosseguir animada então pela informalidade.

RIF - Roberto Benjamin, a tarefa que me cabe é a de fazer uma entrevista para a nossa Revista Internacional de Folkcomunicação. Fale de você, em primeiro lugar.

Roberto Benjamin - A programação do encontro de 2011 em Juiz de Fora teve um momento em que os colegas me prestaram uma homenagem, na qual foi falado tudo o que precisava ser dito sobre mim. Com ligeiras modificações, tudo se repetiu no encontro do ano passado (2012), em Campina Grande Todos sabem que eu não pude ir a Juiz de Fora por estar doente, mas, depois, vim a tomar consciência da exatidão e do cuidado com que a professora Betânia Maciel e o advogado José Fernando Souza esmiuçaram a minha vida e do carinho com que muitos amigos falaram sobre mim. Além do mais, estive presente ao encontro da Universidade Estadual da Paraíba. Todas essas informações já foram publicadas... estão no Anuário Unesco/Metodista, volume 14.

Quero agradecer por toda a consideração de que vocês todos me fizeram merecedor. A José Marques que chegou a descobrir em mim um ensaísta, por conta do despretenso “Estórias de um promotor de segunda”, no qual eu queria mesmo experimentar a contação de estórias. A Betânia e José Fernando, que tanto tentaram que quase conseguiram melhorar o meu desempenho nas coisas todas da minha vida. A Severino Lucena, que fez com que os organizadores do XV Congresso Brasileiro de Folclore montassem uma significativa estrutura de transmissão de dados para que a leitura do texto de Juiz de Fora fosse reprisada... imaginem... via Internet... com o povo lá em São José dos Campos falando de mim e eu vendo tudo do conforto da minha casa, na margem do Capibaribe, no Recife. Em Campina Grande, todos viram que o professor Luiz Custódio estabeleceu um sem limite para que as pessoas falassem de mim. Qualquer pessoa que estivesse no meu lugar não teria palavras, como eu não tenho, para agradecer.

Assim, meu caro Osvaldo Trigueiro, não creio que precise repetir... (risos)... até mesmo porque acabo de declarar a exatidão das informações...

RIF - Por enquanto, a gente aceita ficar por aqui. Mas, isso não quer dizer que nos conformamos. Você ainda tem muito a dizer e nos fica devendo isso! (risos) Se você acha que a “pauta” a seu respeito está esgotada, pois fale de Luiz Beltrão... da sua relação com ele...

Roberto Benjamin - Fui aluno de Luiz Beltrão, como qualquer outro aluno, na primeira turma do Curso de Jornalismo, da Universidade Católica de Pernambuco. Suponho que o que mais uniu a nossa turma a Beltrão tenha sido a presença da esposa dele também como aluna, a professora Zita de Andrade Lima, uma grande mulher, mas uma pessoa independente, brilhante por ela mesma. Os outros integrantes da primeira turma foram Zélia Monteiro, Salomé Rocha, Laura Alice, Emanuel Medeiros, Ferdinando Novais, César Leal, Edvaldo Negromonte, José Marques de Melo, Luiz Alencar Bezerra, Marco Jatobá, frei Urbano de Sertânia e Vantuil Barroso Filho.

De modo geral, Beltrão, era atencioso com as pessoas que com ele conviviam, mas, inegavelmente, dedicou atenção especial a uns poucos alunos, dentre estes sobressaía a relação intelectual com a professora Tereza Halliday. Ele mostrou que sabia escolher ao trazer Tereza para o seu convívio profissional porque, ainda estudante, ela se tornou a vida do Instituto de Ciências da Informação, o ICINFORM. Através da revista do ICINFORM – idealizada, composta, impressa e tocada, o que quer dizer posta em circulação a quatro mãos (as do professor e as da aluna) – o pensamento comunicacional brasileiro dispunha de um dos seus primeiros canais de manifestação.

Foi assim, ou em circunstâncias parecidas, que alguns outros alunos se aproximaram dele, quer dizer, trabalhando, mostrando capacidade. Que o diga, também, José Marques de Melo que, primeiro, se revelou como um professor capaz e como um aplicado estudioso. E nunca é demais registrar a solidariedade de Marques em dias atribulados da vida pessoal e acadêmica de Beltrão, na condição de vítima de perseguições dos áulicos da ditadura.

Deve ter sido uma fase duríssima da vida de Beltrão, especialmente porque as perseguições de ordem político-ideológicas faziam debandar as pessoas do seu redor, aumentando o isolamento, dificultando a convivência.

Refletindo sobre a sua trajetória só cabe deduzir que tenha sido um homem para além do seu tempo: nos anos sessenta do século XX ele programou a formação do jornalista dentro de amplo espectro interdisciplinar; ao lado de saberes próprios do jornalismo, das suas técnicas, ele tinha consciência de que o jornalista devia pensar e que para isso precisava de se familiarizar com a filosofia, a história, as leis, a literatura, as ciências sociais. Ora, no pós-64, um período em que as autoridades chegavam a desincentivar o ensino da Dialética nas

universidades, pensar já estava próximo do crime; ensinar a pensar, então, era considerado crime mesmo, crime de lesa pátria.

Nesses dias, José Marques de Melo – ele, também um perseguido político – se empenhou para aproximar Beltrão de eminentes pensadores cristãos que se reuniam na capital paulista no Congresso Latino-Americano de Imprensa Católica. Uma aproximação adequada e profícua com a nata dos comunicadores cristãos da América Latina. Mas, mesmo assim, Beltrão não deixou Brasília. Numa conversa comigo, alguns anos depois, já Beltrão falecido, Zita deu ênfase ao reconhecimento do casal pela atitude de Marques. Para eles, a melhor forma de gratidão era o carinho.

RIF - É dessa fase o reencontro de Beltrão com as Relações Públicas?

Roberto Benjamin - Sim... é esse um dos momentos a destacar na história da sua vida... A inquietude de Beltrão não permitiu que ele se fizesse ou se deixasse fazer mais um esquecido burocrata da capital federal. Atuando na FUNAI, para onde foi... vamos dizer... “encostado”, ele se manteve fiel ao viés comunicacional que há muito tempo havia associado à sua carreira jornalística, pois, confirmando o me disse um seu companheiro de jornalismo e de serviço público – o jornalista pernambucano Sócrates Times de Carvalho – que “*ele era um excelente relações públicas*”, tratou de fazer a mais extensa pesquisa quantitativa, com técnicas de jornalismo comparado, para a atividade de Relações Públicas. Vale ressaltar que não apenas a política de informação da FUNAI foi redirecionada, como a própria política indigenista do Brasil foi afetada pelos resultados desse trabalho.

Talvez eu tenha usado inadequadamente a expressão “encostado”. Beltrão foi para a FUNAI acolhido pelo jornalista e escritor José de Queiroz Campos, presidente daquela fundação a partir de 1968. Você vai me permitir ler um trecho do depoimento de Queiroz Campos, constante do livro “Itinerário de Luiz Beltrão”, que organizei para a Associação de Imprensa de Pernambuco e que foi publicado pela nossa Universidade Católica:

“Presidindo a Fundação Nacional do Índio, em 1968, precisei de alguém, de estrita confiança e competência profissional. Então, em todo o mundo, ecologistas e antropólogos, a propósito de ocorrências muito antigas, com versões modernas, passaram a acusar, sistematicamente, o Brasil de genocídio.

O golpe de 1964 acabou com a autonomia das universidades e a caçada às bruxas durou largo tempo. Como professor da área de comunicação da Universidade de Brasília, Beltrão foi atingido pela odiosidade dos milicos dominantes, e teve que abandonar a cátedra a que tanto honrara.

Chamei-o para organizar um serviço de comunicação na FUNAI, capaz de enfrentar aquela atoarda. Ele aceitou e, já no primeiro semestre de 1970, a Fundação hospedava, nas comunidades preferidas pelos jornalistas, importantes órgãos da imprensa e da televisão europeia. Foram imparciais.”

RIF - Tratando da Folkcomunicação, já que Luiz Beltrão foi seu professor, seu mentor, seu amigo... e o que mais?

Roberto Benjamin - Luiz Beltrão de Andrade Lima é um dos mais importantes pensadores brasileiros da Comunicação Social. Ele adquiriu esse saber um pouco como *self mademan*, mas, também, desenvolveu muita coisa por conta da sua dedicação ao jornalismo em primeiro lugar e, depois, ao se dedicar ao magistério, tendo que empregar os sólidos conhecimentos filosóficos de uma boa formação humanística para refletir sobre as não muitas leituras científicas existentes na época sobre a ciência da Comunicação.

Tereza Halliday apontou quatro aspectos relevantes na produção intelectual de Beltrão, a saber: “a postura científica empregada ao escrever *“Iniciação ao estudo do Jornalismo”*, elaborando um estudo pioneiro da comunicação jornalística, ao definir conceitos e descrever variáveis; a indução à prática da investigação científica, ao formar uma mentalidade voltada para a pesquisa da comunicação, através do treinamento de seus alunos e colaboradores; o uso da pesquisa para um melhor desempenho das profissões de Relações Públicas e de Jornalismo; a pesquisa dos meios informais de comunicação popular como base para uma teoria da Folkcomunicação”.

Dentre a natural diversidade dessas reflexões – pluralidade que se encontra revelada principalmente nos livros que escreveu para emprego no ensino do Jornalismo – ele verificou a existência de agentes comunicadores fora do sistema convencional da comunicação que, para a transmissão das suas mensagens, adotavam características folclóricas. A vinculação estreita entre o folclore e a comunicação popular inspirou a denominação ‘folkcomunicação’ para o tipo de transmissão de notícias e expressão do pensamento e das reivindicações coletivas. O estudioso destacou também que muitas das manifestações folclóricas deveriam ser estudadas como comunicacionais, pois havia constatado que uma grande parte da população não estava exposta ao sistema convencional de comunicação e praticava uma comunicação alternativa.

Por conta da necessidade de se preparar como quadro doutoral para a carreira do magistério, como todos sabem, Luiz Beltrão tratou de se qualificar, vindo a ser o primeiro professor doutor em Comunicação na Universidade brasileira. Foi aí que estabeleceu o conceito de folkcomunicação como *“o processo de intercâmbio de informações e*

manifestações de opiniões, idéias e atitudes de massa através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”.

RIF - É verdadeira a ideia de que os seus estudos de Folclore eram inconsistentes?

Roberto Benjamin - Primeiro, eu não creio; segundo, na ocasião ele não precisava. É bom recordar que Beltrão precisou se louvar em poucos fatos folclóricos, como alguns inerentes à literatura de cordel (os almanaques inclusive), afora as piedosas recordações, o ex-voto e o ocultismo (videntes e volantes).

Esses comentários se devem ao fato de Beltrão se haver louvado nos livros de Alceu Maynard de Araújo, um folclorista de São Paulo que viria a ser ultrapassado por estudos mais recentes da ciência do Folclore. É de se considerar que Maynard veio a falecer em um tempo que não lhe permitiu a participação na renovação e atualização destes estudos, o que não aconteceu com Luís da Câmara Cascudo, que deles participou e para os quais contribuiu decisivamente. Vamos deixar claro que, sem nenhuma dúvida, Luiz Beltrão também teve acesso ao pensamento e às obras de Edison Carneiro, um dos maiores teóricos dos estudos de Folclore no Brasil e, nessa esteira à farta produção científica dele e dos seus colaboradores e seguidores pela via da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

RIF - E como fica esta situação nos dias de hoje?

Roberto Benjamin - Atualmente, a ideia - alimentada no passado por alguns estudiosos do Folclore - da existência de uma população de cultura folk desvinculada da cultura da sociedade onde está situada, não encontra suporte na pesquisa da cultura.

A interação entre populações de diferentes padrões culturais é ocorrência permanente, através dos tempos, e não poderia ser diferente em relação à ação dos meios de comunicação de massa. As manifestações folclóricas aparecem na literatura, no teatro, na música e em outros campos considerados eruditos – exemplos disso são Ariano Suassuna no teatro e no romance, Altamar Pimentel no conto e no teatro, Heitor Villa-Lobos na música -, também aparecem nos *mass media*. Pode-se lembrar, por exemplo, o aproveitamento das narrativas folclóricas, especialmente os contos de fada, pelos produtores da literatura infantil - não apenas em livros, mas também em discos. O cinema dirigido ao público infantil - e especialmente os estúdios de Walt Disney - produziu diversas versões cinematográficas dos contos de raízes folclóricas. Do mesmo modo, a televisão recorre aos temas, motivos e manifestações populares tradicionais: muitas novelas, mini-séries e seriados televisivos trabalham material folclórico.

RIF - Isto é parte do que você estudou sob o título de 'nova abrangência da Folkcomunicação'?

Roberto Benjamin - Sim. Os portadores da cultura folk, por sua vez, tomam conhecimento deste reprocessamento e acabam tentados a reincorporar, de volta, em suas manifestações, aqueles elementos introduzidos com as características massivas. Um exemplo é a gravação da música folclórica com arranjos da cultura de massa e apresentação por músicos consagrados, re-significando a própria produção popular dessa música.

RIF - Mas, isso não é tudo...

Roberto Benjamin - Não, não é. Você mesmo, Trigueiro, tem chegado a esta conclusão nos estudos que vem publicando. É importante lembrar que estes são processos sujeitos aos critérios da seletividade. Por sua natureza, os meios de comunicação de massa enfrentam dificuldades em compatibilizar as suas mensagens a diferentes padrões culturais e interesses, ideias, preconceitos dos seus diferentes públicos. Os líderes de opinião exercem um papel fundamental na mediação das informações e opiniões emitidas pelos meios de comunicação de massa e os públicos receptores, reprocessando as mensagens e adequando-as aos padrões culturais dos públicos sobre os quais exercem uma influência pessoal, reforçam a rejeição ou facilitam a sua percepção e aceitação.

RIF - Esta, então, é a posição em que estamos ou onde devemos chegar?

Roberto Benjamin - Os continuadores dos estudos iniciados por Luiz Beltrão de Andrade Lima procuraram expandir a conceituação inicial da Folkcomunicação e estabelecer a relação entre as manifestações da cultura popular e a comunicação de massa, incluindo em seus estudos a mediação realizada pelas manifestações populares na recepção da comunicação de massa, a apropriação da tradição popular pelos *mass media* e a apropriação pela cultura popular de aspectos da cultura de massa.

Dentre muitos outros, têm sido realizados estudos sobre o maracatu, a literatura de cordel, os almanaques de cordel, a influência do rádio na dinâmica cultural das cantorias, os efeitos da comunicação de massa sobre um canal popular de comunicação, a influência da recepção da televisão na cultura folk.

Também têm sido analisados os impactos da globalização e a permanência de traços das tradições populares nas mensagens veiculadas na mídia brasileira.

Concluo, assim, que os estudos da folkcomunicação se expandiram para muito além do conceito inicial. É onde estamos.

Por impossível, eu não vejo um ponto de chegada no horizonte, porque é obrigação de todos os estudiosos enfrentar, sempre, os desafios – próximos ou não – dese prosseguir na pesquisa sobre esta temática já para o momento, encarando, sob uma perspectiva interdisciplinar, a decifração da dinâmica ocorrente nas mudanças culturais das últimas décadas.

Aonde vamos chegar? Não há como estabelecer limites. O certo é que o encontro da dinâmica de todas as ciências com que nos envolvemos aponta para ainda maiores expansões dos estudos da Folkcomunicação. Teremos muito trabalho pela frente, podem ter certeza.